

Marcela Castro¹

Tinha certeza que era mãe, sabia. Todo dia continuava a passar pela minha janela no mesmo horário de saída e chegada, mesmo depois quando passou a ser direito de alguns, e falta de opção de outros, isolar-se. Eu a esperava, queria ter a certeza de que ela sobreviveria mais um dia, mais outro e outro, todo dia, depois de eu tanto saber da morte. Ela também não duvidava por certo, até porque carregava um aviso desde que se fez no mundo. No bilhete de vinda de sua bisavó a marca do ferrete: preta. Trabalharia sem direito, e mais: não lhe foi dada qualquer oferenda ao corpo que pudesse aguentar maior cansaço, aprendeu a dor para sobreviver. Queria chorar e não o fazia porque este aprendizado exigia o tempo que não tinha.

Cresceu na ribeira e desde pequena viu inundar sua morada, a da avó. Nada de saneamento e, hoje, a lama que sobe suja é esgoto. A avó se foi neste tempo em que a solidão passou a ensinar com maestria os que

1 Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

não foram honrados com a possibilidade de sentir a tormenta. Não faltaram preces de agradecimento aos céus porque a falta de ar lhe foi branda e porque não padeceu. Quando não sofreu? Desde quando adoeceu ou desde o dia em que nasceu?

Ela nem mesmo sabia de mim, mas eu, quando a via, percebia que a morte havia de lhe ter escapado por um fio - outra vez. Ela, que já entendia do assunto desde menina, aprendeu que era assim: quando a hora era acertada, ela viria, caso contrário era ela - menina, moça, mulher, mãe - quem saía. Se não morria de tiro e de faca, de fome é que não podia. Trabalhava como naquele tempo de qualquer vassalo: sem direito, e mais. Hoje é graça divina garantir a metade do pão. Era feliz com quase justiça nenhuma, mesmo sem sorrir na sobra das horas. Estava viva e dava de comer. A doença que corria à solta e assustava a Casa Grande não fazia efeito por lá: não que no seu lugar não se morresse, quando sua avó se foi, disseram da necessidade de ir. A velha preta não fez número: até para contar quem se deita a cor importa.

A labuta é a ordem do dia para quem ainda vive ali.

Outro dia chegou mais cedo e, nas duas mãos, estavam seguros dois pequenos e quatro sacolas. Não lembro o que ainda não eram... Só faço saber que não tinham esquecido de como sorrir. Via pelos olhos que insistiam em fazer aparecer para o mundo os poucos vincos que expressavam alguma alegria, por detrás

dos narizes e bocas mascarados. Este foi o meu dia. Não sei se foi para ela.

Nem mesmo dela me lembro naquele dia.

Depois, nunca mais voltou.

Eu, todo dia a espero. Ela é mãe, eu sentia. E de mais de um, de dois. Mulher que deixa boca aberta de fome em casa, anda mais curvada diante do mundo. O útero muda de lugar: cresce porque não tem mais cabimento dentro e faz peso no ombro. Peso de maior tamanho que as crias e que mostra a preocupação com o que há e o que está por vir. Ela, provavelmente, ainda carrega um terço que vi escorrer de sua sacola, eu, sem fé, tenho o meu, mesmo que não me sirva de nada. Igual a ela, carrego também o útero do lado de fora, no caso três, mas a mim me foi dado o direito de cor.